

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/827>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Universidade Federal de São Carlos. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Social representations of lone motherhood in Black teenagers

Tamires Giorgetti Costa¹

Elisabete Figueroa dos Santos²

Resumo: Partimos do objetivo de identificar as representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras. Foram selecionadas seis participantes por amostragem “bola de neve”, cujas entrevistas foram transcritas e seu conteúdo foi analisado de acordo com Bardin. Identificamos ser a maternidade solo representada como responsabilização (quase) total das mães pelos seus filhos, o que lhes gera sobrecargas de ordens financeira, moral, afetiva etc. Salienta-se que essa representação ancorar-se-ia nos padrões sociais que convocam homens e mulheres a assumirem posturas distintas no exercício da maternidade/paternidade. O preterimento como parceiras afetivas e o padrão de discriminação no bojo de famílias brancas contribuem para o quadro de solidão materna de adolescentes negras.

Palavras-chave: Adolescente negra. Maternidade solo. Representações sociais. Subjetividade. Relações étnico-raciais.

Abstract: We aimed to identify the social representations of lone motherhood in Black teenagers. Six participants were selected through the "snowball" sample, whose interviews were transcribed and analyzed using the content analysis technique described by Bardin. Lone motherhood was represented as (almost) total responsibility of mothers for their children, which generates financial, moral, affective overloads etc. It is pointed out that this representation would be anchored in social standards that summon up men and women to assume different postures in the exercise of motherhood/fatherhood. Neglect as emotional partners and the pattern of discrimination within white families contribute to the situation of maternal loneliness among black adolescents.

Keywords: Black teenager. Lone motherhood. Social representations. Subjectivity. Ethnic racial relations.

¹ Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Unesp, Bauru, com bolsa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: [0000-0002-8017-6940](https://orcid.org/0000-0002-8017-6940). E-mail: tamires.giorgetti@unesp.br.

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Docente do Departamento de Psicologia Educacional e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: [0000-0003-2017-8845](https://orcid.org/0000-0003-2017-8845). E-mail: elifigue@unicamp.br.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Introdução

As mulheres negras no Brasil sofrem histórica e constante discriminação devida à interseccionalidade entre gênero, raça e demais fatores que se relacionam com tais condições. A adolescência³, a gravidez e o exercício solo da maternidade podem constituir configurações capazes de intensificar o quadro de vulnerabilidades a que se expõem jovens negras. Dessa forma, este artigo trata-se de um relato de pesquisa⁴ cujo objetivo geral foi identificar as representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras residentes em uma cidade do interior paulista.

Como etapa importante do desenvolvimento humano, a adolescência é um período caracterizado por um momento de readaptações e mudanças resultantes da interação biológica, socioemocional e psicológica (Matos, 2005; Papalia, Olds & Feldman, 2010; Saito, Silva & Leal, 2014). À medida que a jovem busca vivenciar novas experiências com o intuito de estabelecer novas relações e criar novas visões acerca de si mesma, entende-se que as mudanças históricas e culturais têm um papel substancial nesse processo de formação de identidade, a qual se constrói através das relações entre si e seu meio histórico, social e cultural (Domingues & Alvarenga, 1997).

Em meio à discussão da adolescência e seus contornos, cabe apontar e problematizar as especificidades da construção social da identidade feminina, que se baseia em características sociais e culturais vinculadas às noções de feminilidade e do lugar social e historicamente construído pelo patriarcado para mulheres em nossas sociedades. Podemos constatar discursos que apregoam certa inclinação “natural” da mulher para a maternidade; a propensão feminina para a sedução, reclusão no ambiente privado e controle de sua sexualidade (Barbosa, Pires & Gregório, 2023).

Costa & Freitas (2021) discutem a incidência de adolescentes negras, grávidas e mães no Brasil, tomadas por um cenário de pobreza decorrente do racismo estrutural presente em nossa sociedade. A pesquisa demonstra que a gravidez na adolescência

³ De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência se estende dos 10 aos 19 anos e a juventude segue dos 15 aos 24 anos (Brasil, 2007).

⁴ Faz-se o relato de uma pesquisa de iniciação científica: processo nº 2016/17940-4, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

também foi vivenciada por outras mulheres da família, sendo reproduzida em um ciclo geracional.

A maternidade solo é uma realidade de muitas mulheres e adolescentes negras, que enfrentam sobrecargas emocionais e financeiras (Barbosa, Pires & Gregório, 2023) e nem sempre contam com rede de apoio e políticas públicas adequadas (Nascimento, Martins & Bonfim, 2022).

Analisando dados da *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio* (PNAD), Feijó (2023) aponta que entre 2012 e 2022, aumentou em 17,8% o número de domicílios com mães solo. As mulheres negras (pretas e pardas) respondem por 90% do quantitativo de mães solo no Brasil.

Quanto à relação com a Educação, nota-se que as mães solo negras estão mais presentes nos extratos de nível educacional mais baixo: 58,7% delas têm ensino fundamental completo ou menos, enquanto aquelas que têm ensino superior são a minoria (8,9%). De acordo com a autora, quanto mais jovem a mãe solo têm filho, menores são as chances de ela alcançar o ensino superior (Feijó, 2023).

Mães solo com filhos pequenos têm mais dificuldade para se inserir no mercado de trabalho do que as demais mães solo e para mães solo de crianças pequenas e autodeclaradas negras essa situação é ainda pior: 34,6% estão fora da força de trabalho e 11,6% estão desempregadas. Essas proporções são bem maiores do que as verificadas para o grupo de mães solo brancas/amarelas. Observa-se ainda uma grande diferença entre o rendimento das mães brancas/amarelas e os das mães negras. Enquanto o rendimento médio das mães solo brancas/amarelas foi de R\$2.772,00 reais no quarto trimestre de 2022, o das mães negras foi de R\$1.685,00 reais (Feijó, 2023).

Diante desse quadro, é necessário pautar os contornos assumidos pelo exercício materno solo durante a adolescência para jovens negras, uma vez que as categorias gênero e raça podem impor vivências particulares e serem representadas de formas específicas por adolescentes.

Notas sobre Representações Sociais



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

De acordo com Moscovici (1978), a representação social é uma das atividades psicossociais por meio das quais as pessoas tornam inteligível a realidade física e social, inserindo-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas. As representações podem ser entendidas como mecanismos por meio dos quais sujeitos aprendem questões do mundo externo, cuja relevância esteja diretamente implicada às suas dinâmicas, à medida que edificam este mesmo mundo. Logo, quando os sujeitos representam determinado objeto, é traçada uma interpretação individual, em um processo que é autônomo, mas também relacional, cuja origem está nas diversas inscrições sociais que compõem estes sujeitos. Assim, a relevância de certo objeto para um sujeito e para o seu grupo social é fundamental para que seja empreendida uma representação social acerca daquele objeto, de modo a questionar-se os recortes e fendas do real e, por esta via, edificar um mundo compreensível para ambos (objeto e sujeito/grupo) (Santos & Scopinho, 2015). Por isso, identificamos o referencial da *Teoria das Representações Sociais* (TRS) como fundamental para compreender as nuances e realidades da maternidade solo em adolescentes negras.

As representações são como “entidades quase tangíveis”, palpáveis, que circulam através da fala, gesto e dentro do universo cotidiano. Compreender o conceito é deparar-se com um delineamento histórico tomado por um lugar onde dois ou mais caminhos se encontram, uma encruzilhada de conceitos sociológicos e psicológicos (Moscovici, 1978).

A TRS é uma leitura científica do senso comum e empenha-se em verificar o conteúdo das representações, ou seja, a incorporação do “não familiar” (Crusoé, 2004). As representações conseguem introduzir um sentido ao comportamento e integrá-lo na rede de relações vinculadas ao seu objeto. Podemos compreender que as representações sociais não são uma opinião ou imagem, elas vão além da ciência e da filosofia, é uma ciência das relações sociais (Moscovici, 1978).

Como atividades que ganham vida na relação entre subjetividade e relações sociais, as representações sociais são tecidas a partir de dois processos que são cognitivos, mas também psicossociais, quais sejam, a ancoragem e a objetivação. No



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

processo de objetivação, busca-se tornar real um esquema conceitual e substituir uma imagem por algo material, de forma que tenta-se acoplar à palavra “a coisa”, estruturas materiais e aos signos linguísticos. A partir de símbolos, imagens (formas de objetivar), o concreto, real, materializam algo abstrato, tornando-o objeto (Moscovici, 2012). Já o processo de ancoragem se refere à ação, algo novo é ancorado a um conhecimento que o grupo/sujeito já possui; a partir disso, a objetivação liga uma imagem, figura ou o conhecimento abstrato compreendido como “estranho” em algo material e concreto (Paula & Kodato, 2016).

Para Jodelet (1986) representar equivale a um ato de pensamento no qual o sujeito refere-se ao objeto, trazendo um conteúdo concreto e uma representação mental característica do próprio sujeito e de sua atividade. Assim, no estudo em representações sociais, os elementos afetivos, mentais e sociais devem ser integrados juntamente com a cognição e a linguagem.

Arruda (1999) aborda a noção de *outro* a partir da TRS, ao entender o sujeito como produto e produtor social da realidade. A autora indica a necessidade de compreender as relações que se estabelece com o outro, o sentido e a construção do “Eu” nas diversas culturas. Aquilo que é distante, diferente para uma determinada cultura - conjunto social - constitui-se como forma de exclusão social. A autora propõe que as “pertencas grupais” sustentam os processos responsáveis pela construção da alteridade.

Santos & Scopinho (2015) debruçaram-se sobre a temática, ao realizar uma reflexão teórica sobre como as representações sociais atuam na produção da identidade e alteridade, tendo como contexto as relações raciais no Brasil. Como as autoras apontam, grupos socialmente construídos como “superiores” produzem/propagam discursos construtores de representações sociais que podem desqualificar outros sujeitos: o grupo dominante branco em sua “norma social” constituiu a ideia de que as características culturais e físicas do grupo subjugado negro ultrapassam a norma daquilo que poderia ser. Ou seja, o “não familiar” é familiarizado e assimilado de uma forma que desqualifica o negro: “O que pode levar os negros a representarem-se e identificarem-se como brancos para serem socialmente aceitos” e que culminou para que tal desigualdade



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

fosse simbolicamente expressa pela “ideologia de branqueamento” (Santos & Scopinho, 2015, p. 172).

Tanto o negro como a mulher foram historicamente marcados por um cenário de violência e exclusão, construídos por representações simbólicas, que de certa forma dificultam a associação de novos significados - assim também pode-se pensar a mulher negra, objetificada, que é representada até hoje como ser ao qual a afetividade não caberia. Diante disso e mais além, questionamos: lhe caberiam a adolescência e a maternidade? De quais formas?

Adolescência, Maternidade e Raça

A adolescência por muito tempo foi retratada como um momento em que há ocorrência de mudanças biológicas, psicológicas e emocionais, amplamente entendida como um período conturbado, uma passagem entre ser criança e ser adulto, ou seja, “o meio termo” do desenvolvimento humano que resultará em um ser humano adulto pronto. No entanto, as características desta adolescência não precisam ser necessariamente universais, visto que essa pode ser entendida como uma construção social. Cabe, então, falarmos sobre “adolescências”, termo que indica formas plurais de vivenciar e experienciar o processo da adolescência que diferem quando incluímos recortes como gênero, etnia, raça e classe (Amorim, 2013).

As adolescências são processos em que: “[...] a identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de novos papéis tornam-se importantes nas relações do adolescente com o seu mundo” (Martins, Trindade & Almeida, 2003, p. 556). Com frequência, eventos relacionados à sexualidade, como a iniciação da vida sexual, acontecem de maneira desprotegida, podendo ocasionar situações de gravidezes e infecções sexualmente transmissíveis, o que nos faz questionar a fragilidade da educação sexual sistemática ou assistemática reportada pelos pais, familiares e instituições de ensino que carregam formas sociais de repressão sexual. Como apontado por Maia & Maia (2005, p. 50) sobre a educação sexual que recebemos



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

em sociedade: “[...] os desejos que fazem parte de nosso corpo são ora estimulados, ora reprimidos, dependendo de como a sociedade encara a sexualidade”.

As autoras supracitadas, ainda discutem como algumas regras sexuais são determinantes para o comportamento em sociedade e ao mesmo tempo opressivas. Nesse sentido, podemos exemplificar por meio dos diferentes papéis que homens e mulheres assumem durante a adolescência: enquanto iniciar-se o quanto antes sexualmente é valoroso e sinônimo de masculinidade para os homens, as mulheres precisam “guardar sua virgindade” para o casamento e, caso engravide antes será responsabilizada sozinha pelo ato, por não ter “preservado sua pureza”. Vale considerar que tais regras e tabus atingem homens e mulheres, pois predizem formas de ser e atuam como repressores sexuais por esperar que gêneros binários tenham comportamentos prescritos e opostos.

A maternidade e adolescência são fenômenos construídos que se entrelaçam em determinados momentos. Estudos como o de Figueiredo (2000) apontam algumas consequências adversas no desenvolvimento da adolescente decorrentes da maternidade, como baixo nível de ensino; dificuldades econômicas como o desemprego, instabilidade e má remuneração; divórcio; monoparentalidade; outras gravidezes; e problemas psicológicos.

Cabe, assim, evidenciar os diversos sentidos que podem ser suscitados para a adolescência – devido à vivência do binômio gravidez/maternidade para a jovem –, podendo emergir também representações distintas e positivas como a “realização de um sonho” e “expectativas quanto ao futuro”. Para Andrade (2009), constatações como estas apontam a necessidade de uma leitura que rompa com o imediato e o superficial, posto que as mães adolescentes podem também ter planejado a gravidez, desejando por consequência a maternidade. A autora defende também a existência da continuidade de sonhos futuros com a intenção de proporcionar melhores condições a ela e também ao seu filho.

Nesse sentido, vale ressaltar que tanto a adolescência quanto a maternidade são fenômenos e processos conflituos e suscitam diferentes representações e elaborações,



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

pois não são questões uníssonas: há formas plurais de vivenciá-las. Ao citar as adolescências e maternidades como fenômenos que podem atuar concomitantemente, ressalta-se a atuação, nessa intersecção, da questão étnico-racial, de maneira a pautarmos as possíveis especificidades do fenômeno: a maternidade na adolescência de meninas negras.

Silva (2010) reflete sobre como para as mulheres negras a maternidade tem sido historicamente representada como uma experiência dolorosa, devido às muitas violências a que estão expostas desde os primórdios de uma sociedade assentada na ideologia escravocrata. A mãe negra, durante a escravização, vivenciou a maternidade no abandono e no distanciamento dos seus filhos, sendo responsabilizada pelos cuidados dos filhos dos senhores brancos, o que a impediu de cuidar e acompanhar os seus próprios. Às crianças negras não era destinada a legitimidade do amor e cuidados maternos.

Este processo deu-se de forma violenta, negras escravizadas eram violentadas pelos senhores brancos e tratadas como animais reprodutores: a elas caberia a procriação, mas não a maternidade. Incide sobre mulheres negras, nesta altura, a representação como aquelas às quais não cabe afeto, não cabe desejo, cabe apenas o silêncio e a produção de novos seres a serem escravizados (Pacheco, 2008).

A “carga histórica” da mulher negra permanece até a atualidade, tecendo representações diversas sobre a relação entre gênero, sexualidade e a maternidade. Uma de suas resultantes perversas é a atuação solo de mulheres e adolescentes no exercício da maternidade. A adolescência, atrelada à raça e ao gênero feminino, provoca socialmente um preterimento nos campos sociais, afetivos e sexuais.

Uma vez que se trata de um fenômeno diverso, a maternidade solo não se refere apenas à constatação do não cumprimento das responsabilidades paternas, mas também é vivenciada por mulheres abandonadas por seus parceiros no exercício da maternidade, uma vez que eles não se fazem suficientemente ativos nos cuidados dos filhos e nas demais corresponsabilidades.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Além disso, mulheres negras estão mais propensas a serem deixadas pelos parceiros, pois são preteridas no mercado afetivo, representadas como corpos desejáveis, mas aos quais não se destinam afetos (Pacheco, 2006). O aprisionamento social e subjetivo causado pela escravidão contribuiu para que os(as) negros(as) fossem tolhidos(as) no que toca à possibilidade de “sentir um grande amor”, retirados do poder de escolha amorosa (Collins, 2000). A escravidão dificultou o desenvolvimento da habilidade de envolver-se afetiva e amorosamente, sendo a opressão escravocrata um sistema que buscou impor o controle sobre o desejo e as possibilidades de afeto. A experiência de mulheres afro americanas demonstra como questões que envolvem o corpo e a sexualidade foram mercantilizadas através de pornografia, prostituição e estupro (Collins, 2000).

Considerando-se, portanto, que raça, gênero e pobreza são fatores que, frequentemente associados, expõem as mulheres e adolescentes negras a maiores situações de vulnerabilidade; e que as mulheres negras estão mais propensas a vivenciarem a maternidade solo por serem comumente representadas como parceiras sexuais e não conjugais ou afetivas, de modo que há maior probabilidade destas serem deixadas por seus parceiros, de acordo com relatos da literatura; elegeu-se como objetivo geral identificar as representações sociais associadas à maternidade solo em adolescentes negras residentes de uma cidade do interior paulista. Especificamente, pretendeu-se: compreender como as adolescentes representam a gravidez e suas nuances; compreender como as adolescentes representam sua condição racial e de gênero; e identificar as expectativas dessas jovens com relação à maternidade e às vivências afetivo-amorosas.

Método

Procedimentos

Esta pesquisa foi realizada por meio de um estudo qualitativo, fenomenológico, através da observação e inserção da pesquisadora no espaço e realidade psicossocial das



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

participantes⁵. Recorreremos, inicialmente, à estratégia metodológica da amostragem “bola de neve” devido ao fato de a pesquisa implicar grupos difíceis de serem acessados ou estudados, por tratar sobre questões difíceis de serem discutidas, como a intersecção das categorias raça, maternidade solo e adolescência. A amostragem “bola de neve” utiliza cadeias de referências em pesquisas, de modo que informantes-chaves nomeados como sementes foram localizados para acessar o perfil necessário de participantes para esta pesquisa; após esse momento, criou-se a possibilidade de indicação de novos contatos com características semelhantes a partir de sua rede pessoal e assim sucessivamente (Biernacki & Waldorf, 1981). As principais indicações ocorreram a partir do círculo de convivência das participantes e pela via de projetos de extensão de uma universidade privada.

A partir do contato com as participantes, os grupos focais foram organizados com aquelas que declararam possuir disponibilidade para o acesso ao *campus* universitário, sede da realização da pesquisa. Algumas estratégias foram construídas para viabilizar a participação de nosso público-alvo nesta etapa do trabalho: custeio de transporte para as mães e gestantes; realização de *coffee break*; e adaptação de uma sala com brinquedos e monitores (as) para o cuidado dos (as) filhos (as) que acompanhavam as participantes.

Os grupos focais foram realizados no *campus* de uma universidade privada do interior paulista, em uma sala adequada para utilização de recursos audiovisuais, onde foram exibidas cenas previamente selecionadas⁶, como descrito por Santos & Paiva (2007), a fim de que expressassem situações relacionadas a vivências comuns àquelas apresentadas nas literaturas científicas como presentes nas vidas de mulheres negras, adolescentes, mães, etc., de modo a instigá-las a trazerem à tona suas perspectivas acerca daquelas narrativas, suscitando representações sociais no que diz respeito ao

⁵ Esta pesquisa buscou assegurar o cumprimento tanto das normas e regulamentações éticas definidas tanto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), estando em acordo com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), em concordância com a resolução nº 466/12 para a condução de pesquisas com Seres Humanos, bem como observou as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Os termos de consentimento e assentimento foram aplicados às participantes e aos responsáveis, assegurando o direito de participação voluntária e anonimato das informações coletadas, possibilitando a recusa e desistência em qualquer etapa do estudo.

⁶ Filmes selecionados: documentário *Meninas*; *Preciosa: uma história de esperança*; *For colored girls*; *Selma: uma luta pela igualdade*.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

contexto familiar e educacional, maternidade, relações afetivo-sexuais, amorosas e raciais.

Foram realizados três encontros voltados ao grupo focal. Após o trabalho com o grupo, a pesquisadora deslocou-se até as casas das participantes indicadas que aceitaram participar da pesquisa, mas que não conseguiram por algum motivo comparecer aos grupos focais. As entrevistas individuais aconteceram juntamente com a exibição das cenas. Houve a captação do áudio.

Durante a coleta de dados, os áudios foram gravados e transcritos na íntegra para posterior análise de conteúdo (Bardin, 1997) que se deu por meio da leitura flutuante do material, organização das categorias emergentes, interpretação dos dados e correlação com a bibliografia, utilizando-se do aporte referencial teórico-metodológico da *Teoria das Representações Sociais*. Os temas das categorias foram definidos *a posteriori*.

Participantes

O estudo foi realizado com seis participantes do sexo feminino, adolescentes e jovens grávidas ou que tiveram filhos durante a adolescência, autoidentificadas como pretas ou pardas, conforme informações sintetizadas na Figura 1. As participantes foram identificadas com nomes fictícios. Três compuseram o grupo focal e outras três foram sujeitas a entrevistas individuais semiestruturadas.

Figura 1 - Caracterização das participantes do estudo

Participante	Idade	Idade da primeira gestação	Auto identificação racial	Estado Civil relatado	Número de filhos(as) e ou gestações	Número de relacionamentos que já vivenciou após a primeira gravidez
Bia	20 anos	20 anos	Parda	Amasiada	1 filho(a)	1 relacionamento
Denise	17 anos	17 anos	Preta	Solteira	1 filho(a)	1 relacionamento
Glória	29 anos	18 anos	Preta	Amasiada	2 filhos(as) e 1 gestação	3 relacionamentos
Lua	20 anos	17 anos	Parda	Casada	1 filho(a), 1 gestação	2 relacionamentos



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Joana	21 anos	18 anos	Preta	Amasiada	1 filho(a)	1 relacionamento
Sara	24 anos	23 anos	Parda	Casada	3 gestações	1 relacionamento

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

O grupo de participantes, ao mesmo tempo em que foi diverso em sua faixa-etária, nível de instrução e posicionamentos, também apresentou similaridades. Do número total de participantes (seis): quanto à primeira gestação, duas participantes relataram vivenciá-la aos 17 anos; duas aos 18 anos; e duas dos 20 aos 23 anos. Duas participantes declararam serem casadas; uma solteira; e três amasiadas. Em relação ao número de gestações, três participantes já possuem um filho; uma participante vivenciava a terceira gestação seguida por dois abortos; uma participante tinha dois filhos e vivenciava a terceira gestação; uma participante tinha um filho e estava na segunda gestação. Quatro participantes relataram vivenciar apenas um relacionamento após a gravidez; e duas participantes tiveram mais de um relacionamento afetivo.

Resultados e Discussão

Os resultados obtidos serão apresentados em categorias suscitadas por meio das cenas dos filmes exibidos durante os grupos focais e entrevistas: (1) Verdadeiro amor materno: a compreensão da maternidade adolescente, (2) Exercício solo da maternidade: ausência e presença paterna e (3) Ser mãe negra.

Ainda que a literatura aponte que a gestação seja desejada por algumas adolescentes ou até mesmo representada enquanto possibilidade de “mudança de vida”, com a chegada de uma criança, mudanças se sobrepõem: responsabilidades aparecem, os círculos sociais se reestruturam, as rotinas são modificadas, as relações afetivo-amorosas sofrem o impacto das novas rotinas e responsabilidades, entre outras transformações (Costa & Freitas, 2021). Em pesquisa com participantes de diferentes níveis socioeconômicos que tiveram filhos durante a adolescência, Taborda *et al.* (2014, p. 19) reportam que mudanças repentinas desencadeiam alterações nas realidades vivenciadas: “[...] a maior parte das adolescentes relatou que se arrependeu de alguma forma e que se pudesse voltar atrás teria feito diferente”. Além disso, o apoio familiar é



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

um fator que, ainda que esteja atrelado a certa dependência do auxílio e disponibilidade de familiares, torna-se importante para o processo de aceitação da gestação, que por consequência, possibilita a construção do vínculo afetivo com o bebê durante a maternidade.

Os relatos das participantes apontaram para o que elas compreendem sobre “ser mãe” e como essa representação se dá após o nascimento da criança. Seriam estes sentimentos construídos ou instintivos à mulher?

Verdadeiro amor materno: a compreensão da maternidade adolescente

As funções de afeto, cuidado e presença, muitas vezes, são colocadas como papéis ideais, que devem ser desempenhados exclusivamente por mulheres. A adolescente demonstra arrependimento em não ter se dedicado totalmente aos cuidados maternos e de certo modo, ter terceirizado o “cuidado” para a avó da criança. O sentimento de abandono do exercício materno é exemplificado no relato:

Ah, é ser presente, dar mais carinho, atenção. Porque eu acho que ela sentia muita falta disso. Acho não: até hoje eu converso, eu falo, ela fica olhando, presta atenção, porque eu abandonei... abandonei praticamente ela, abandonei assim... eu deixava com a minha mãe [...] (Participante Glória).

Instigada a relatar as mudanças trazidas após o nascimento do filho, uma participante mostra o reconhecimento do “verdadeiro amor de mãe”, traduzido em abdições e restrições, pois cabe a ela agora, diante da realidade do exercício materno, pensar prioritariamente em uma segunda pessoa e na relação de interdependência,

Tudo! Tanto de conhecer o verdadeiro amor de mãe, né? E não sair mais. Acordo à noite, agora toda vez que eu acordo eu sei que tem uma pessoa ali, né? Que precisa de mim. Então, ‘pra’ mim, eu acho que mudou tudo na minha vida, minha vida virou completamente. [...] Um bebezinho ali, sempre sorrindo pra você, tão bom. Ao longo do tempo eu fui construindo isso (Participante Denise).

O relato da participante corrobora os achados de Amorim (2013, p. 67) que sugerem que a representação social da maternidade em adolescentes está “[...] ancorada na concepção de uma maternidade advinda da natureza feminina, algo que completa o



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

sentido de ser mulher, e que a coloca no lugar de responsável pelo cuidado e desenvolvimento das crianças”. Nesse contexto, entende-se que conhecer o “verdadeiro amor de mãe” é algo dotado, que traz completude e cerceamentos, de modo que centralizar a obrigatoriedade materna prescrita é uma forma de acomodar subjetivamente, subsumindo as restrições à dimensão da responsabilização. Verifica-se, assim, em alguns relatos maternos certa romantização da maternidade, deixando de integrar na representação social sentidos atrelados às exigências, expectativas sociais e sobre trabalhos maternos.

Exercício solo da maternidade: ausência e presença paterna

Em alguns casos, os relatos apontam para o exercício solo da maternidade, seja com total responsabilização pelos cuidados dos filhos e atividades domésticas, sem a presença do parceiro ou com o parceiro e a mesma sobrecarga de responsabilidade.

Que vai ser difícil, não difícil porque a A.J [filha]. já ‘tá’ grande, né? Mas, eu vou passar um pouco... que meu marido trabalha e eu vou ter que ficar sozinha com os dois pequenos e eu sei que o M.[filho] não vai ser fácil... Então, ‘pra’ mim vai ser um pouco difícil, mas, nessa gravidez eu também quis engravidar, então eu acho que vou levar de boa, mas com dificuldade. Apesar [de] que vão pra escola, né? Então, não vai ser assim... vai ser mais assim... um momento que tipo, um final de semana, à noite – que meu marido trabalha à noite também –, aí vai ser mais difícil: banho, comida, escola [...] (Participante Glória).

Neste relato, nota-se que Glória faz menção ao fato de que tem consciência que parte de suas gestações foram desejadas. Portanto, ela estabelece uma diferenciação em relação aos cuidados e responsabilidades futuras da criança que atualmente gesta: uma vez que esta foi desejada, sua maternidade será “de boa, mas com dificuldade”. Ou seja, afetivamente encarará de forma relativamente tranquila a própria gestação, a maternidade e seus exercícios; contudo, em termos concretos, na dinâmica do cotidiano, ela admite não ter rede de apoio, ter um parceiro cuja responsabilidade está concentrada no mundo do trabalho produtivo (assalariado) e, portanto, seu suporte será unicamente a instituição escolar, com a qual partilhará os cuidados de seus filhos.

Na pesquisa supracitada, a autora também verificou representações das adolescentes acerca do apoio recebido por seus parceiros (Amorim, 2013, p. 84): “[...] ter



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

o apoio do parceiro significava que o mesmo ficou feliz com a notícia de que iria ser pai, que ele estava presente no pré-natal e que ajuda ou ajudou financeiramente”. O que, de fato, evidencia o papel feminino no exercício da maternidade é a falta de divisão de tarefas e responsabilidades.

Nota-se que, com frequência, a vinda de um terceiro filho pode aumentar as responsabilidades da mulher enquanto única parte comprometida e que instituições como a escola, podem contribuir para que a mulher consiga “cumprir” todas as responsabilidades dentro de sua casa, que trazem sobrecarga psíquica e emocional.

[sobre o contato com o pai do segundo filho,] Do M. [filho] foi até os quatro meses [que] a gente teve contato, a gente conversando sobre a gravidez. Depois eu também não quis mais, e ‘que nem’ eu falei da outra vez, que quando ele nasceu, o pai dele não mora aqui aí ele veio ‘pra’ ver, registrar, mas ele era muito novo também... moleque... e aí ele veio também com umas conversas “fiada” aí eu não quis também. Aí, eu registrei o M. sozinha: aí, quer dizer, é só meu (Participante Glória).

O contato com o pai da criança às vezes é interrompido e justificado por sua “falta de maturidade” em assumir a paternidade. Muitas jovens acreditam que ao longo do processo de paternidade os parceiros irão amadurecer e assumir suas responsabilidades enquanto pais, ao mesmo tempo, outras relatam que não existe comprometimento do parceiro com o (a) filho (a) (Amorim, 2013).

O casamento e os cuidados dos (as) filhos (as) foram representados como destino único das mulheres: as mesmas são ensinadas desde crianças a reproduzirem tarefas domésticas, serem sensíveis e maternais. Esse aprendizado é representado pelas brincadeiras destinadas às meninas, como brincar de “casinha”, “boneca”, “fazer comidinha”, etc. Esse modelo foi construído pela sociedade patriarcal, em que as regras e costumes foram instalados por homens para favorecê-los e servi-los enquanto maiorias sociais. O que se percebe, é que esse histórico de aprendizagem forma homens confiantes e mulheres inseguras, “[...] meninas negras sofrem agressões ainda mais violentas à autoestima, como resultante de dois vetores de desvalia fortes em nossa sociedade: raça e gênero” (Whitaker, 1995, p. 43)



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Mãe solteira e mãe solo são termos distintos, mas muitas vezes compreendidos no senso comum como sinônimos. O termo “solteira” evidencia um *status* de relacionamento em que a mulher não está, mas “deveria”. Como já apresentado, a gestação, maternidade nem sempre estão acompanhadas de um parceiro, seja por escolha da própria mulher, separação ou abandono (Silva, Cassiano & Cordeiro, 2019). Rotular-se ou ser rotulada como “mãe solteira” dá indícios de uma série de significados pejorativos, como demonstra o estudo de Mesquita *et al.* (2011, p. 483): “[...] para elas, na ausência dele a gravidez não teria chegado ao fim e, se fossem mães solteiras, não seriam mães dedicadas e presentes”.

Enquanto os pais são responsáveis pelo trabalho e o sustento da família, as responsabilidades domésticas e os cuidados dos filhos são um exercício socialmente incumbido apenas às mulheres, quando, ainda em muitos casos, também precisam gerir a situação econômica da família. Esta divisão de responsabilidades e tarefas reforçam papéis atribuídos para homens e mulheres. Federici (2017, p. 232) reflete sobre a influência do capitalismo em uma “nova divisão sexual de trabalho”, o trabalho dos homens (produtivo) e o trabalho doméstico das mulheres (reprodutivo) “[...] que diferenciou não somente as tarefas que as mulheres e os homens deveriam realizar, mas também suas experiências, suas vidas”. Em relação a mães solo, contudo, o que se identifica é que suas realidades com frequência as convocam para desempenhar tanto o trabalho produtivo quanto o reprodutivo.

A esquiva paterna, diante da descoberta da gravidez e das responsabilidades consequentes – mesmo que a garantia destas seja prevista pela lei –, faz com que emergja a representação desta esquiva como o “aborto masculino”. A participação paterna com frequência é substituída pela participação meramente econômica: pais sem presença física ou envolvimento afetivo, mas que acreditam “cumprir” sua obrigação com o sustento dos filhos, o que consequentemente viabiliza o afastamento do homem de suas responsabilidades paternas (Souza, 2008), como exposto pela participante Joana:

[...] pelos índices, as adolescentes negras, elas não têm uma família estável... assim... Às vezes, o pai não ‘tá’ presente; sempre a questão do aborto do pai, né?



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Mas é bem raro ter uma família com estrutura, uma mulher negra ter uma família estruturada, bem raro (Participante Joana).

Outro ponto importante abordado por Joana, é a representação da família negra como “não estruturada”. Compreende-se que, a participante parte de uma noção de família nuclear-tradicional-branca, uma marca deixada pelo eurocentrismo. Cabe pontuar que essa “herança histórica” dificultou a existência e permanência de famílias negras, o que contribuiu para a construção de “famílias matrifocais”, chefiadas por mães solo (Souza, 2008).

Por outro lado, existe uma “sobrecarga materna” devido à cobrança decorrente da responsabilização exclusiva dos filhos, este cuidado se dá com frequência sozinha, tendo em vista a priorização do trabalho do cônjuge, ou por conta do “aborto paterno”. Vale frisar que quando mulheres trabalham, elas ainda assim detêm a (quase) totalidade da responsabilidade em cuidar dos seus filhos e provê-los, em uma dupla ou tripla “jornada de trabalho”. Além disso, a cobrança social sobre a mulher por qualquer displicência em relação aos filhos é muito superior àquela que se acena para os homens, devido às pressões sociais sofridas desde muito cedo, como discutido por Whitaker (1995), evidenciando tal disparidade.

As participantes desta pesquisa informaram o estabelecimento de novos relacionamentos, dos quais, por vezes, resultam novos filhos. Nesse sentido, é importante salientar que a presença do novo parceiro em si não as exime de vivenciar a maternidade solo, pois, como afirmado acima, o que determina a experiência de maternidade solo não é a mera presença de um companheiro, mas a total/quase total responsabilização dessas mães em relação a seus filhos. Dessa forma, o que pode efetivamente eximi-las de exercer a maternidade solo é a divisão de tarefas e responsabilidades acerca de seus filhos, o que nem sempre acontece e pode resultar em brigas, discussões e até mesmo o término do relacionamento em algumas situações:

[...] Na verdade, só depois que eu descobri que realmente ‘tava’ grávida a gente foi morar junto. Só que não dava certo, era muita briga, muita discussão, muita falta de companheirismo da parte dele, aí não deu certo (Participante Lua).



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Portanto, se no atual relacionamento a adolescente contar com um parceiro com quem seja capaz de compartilhar os trabalhos relacionados aos cuidados de seu (s) filho (s), o exercício de sua maternidade será compartilhado e não solo. De modo que podemos afirmar que o exercício da maternidade solo é determinado pelo grau de responsabilização da mãe adolescente acerca de seu filho e essa configuração apenas será, de fato, alterada quando tais responsabilidades forem compartilhadas em igualdade (sem gerar sobrecargas) com um parceiro ou com o co-progenitor.

Os conteúdos das falas representam a maternidade como um fenômeno de construção, mas que por vezes é socialmente imposto para a mulher, convocando-a a assumir um “instinto materno”. O amor materno é colocado como um valor natural e social, que promove a mulher enquanto mãe, figura de autoridade e amor dentro do lar. A exaltação do amor materno (associado ao termo maternagem) é um mito construído pela predisposição biológica da mulher em reproduzir, devido à sua “capacidade” de dar à luz e amamentar, o que é pensado/relacionado unicamente ao gênero feminino pela natureza de “ser mulher” (Badinter, 1985; Moura, 2004). Contudo, o “papel materno” também é passível de transformações históricas, as responsabilidades maternas foram ampliadas e encobertas por uma valorização da mulher-mãe “rainha do lar”, dotada de responsabilidades e do domínio doméstico, além de seu devotamento e do “sacrifício” em benefício da sua família (Badinter, 1985; Moura, 2004).

Ser mãe negra

Para a mulher negra, o processo de escravidão retirou a possibilidade de construção positiva da maternidade. Neste período, lhes era destinada a “função” de reproduzir crianças, como produtos que logo estariam à venda. Davis (2016, p. 12) aborda essa questão, propondo que: “[...] as mulheres escravas não eram mães em absoluto, eram simplesmente instrumentos que garantiam o crescimento da força de trabalho escravo”. A autora ainda aponta que as negras eram “fazedoras de nascimento”, que não exerciam a maternidade para com os seus filhos, mas, frequentemente, cuidavam maternalmente dos filhos dos seus senhores brancos.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Tais empreendimentos históricos revisitam realidades marcadas, subjugação da raça e a interdição materna instaladas na origem da sociedade brasileira. As representações relatadas pelas participantes mostram situações de preconceito e discriminação racial vivenciadas desde o período da infância que percorreram até a adolescência.

Ser mulher, negra, adolescente ou jovem com filho (a) pequeno (a) suscita uma série de representações sociais atravessadas pelo senso comum, como: “não ser mãe daquela criança” ou “ser babá”. A escola também é um importante cenário em que se evidencia o preconceito racial durante a infância e adolescência:

Ah, sempre, em tudo em todo lugar, todo momento, a gente acha que não, né? Mas tem. Todo lugar que você for tem preconceito: emprego, escola. Na escola, principalmente quando era pequena, sempre vinha aqueles ‘ah, neguinha!’ (Participante Glória).

[...]Eu estava na escola e eles estavam fazendo grupo de sala né, a professora pediu ‘pra’ fazer um trabalho em grupo e aí todo mundo já tinha feito seus grupos e só tinha um grupo e essas meninas não queriam me aceitar por eu ser negra. Elas falaram assim: ‘- Ah, ela não vai saber fazer porque todo negro é burro’. Tinha brancos, né? E eles não queriam que eu fizesse com eles, por causa disso. Depois disso, a professora escutou e chamou eles ‘pra’ diretoria, aí a diretora falou que se eu quisesse chamar a polícia pra fazer um boletim eu poderia fazer, só que aí eu falei que não, que tudo se resolveria com uma conversa, eles pediram desculpas e tudo e eu perdoei (Participante Denise).

Nas relações interpessoais, identifica-se o descontentamento dos/as colegas em incluir a adolescente negra nos trabalhos da escola. A associação do (a) negro (a) como uma pessoa “burra” é uma marca carregada desde a escravidão, justificada pelas teorias eugenistas que situavam as características biológicas de negras e negros como causas de inferioridade. Enquanto brancos são representados como “detentores do conhecimento”, aos negros caberiam serviços braçais e repetitivos, que não exigem “esforços intelectuais”. Santos & Scopinho (2015, p. 175) ressaltam que essas representações foram construídas por meio de estereótipos e crenças que salientaram “[...] uma suposta inferioridade intelectual, emocional e social; ao passo que o negro representaria falta de moralidade, corrupção e morte, o branco seria signo de pureza, vida e moral”.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

A supremacia do branco é difundida entre as famílias, aprendidas e reproduzidas por crianças, jovens e adultos, Máximo *et al.* (2012) demonstram em um experimento realizado com crianças em uma escola, diversas situações, foi posteriormente solicitado que indicassem perfis de pessoas que “possivelmente” se enquadrariam naquelas situações ou características. No quesito “mais bonito” (80%) e “mais inteligente” (57%) a maioria das crianças escolheram pessoas brancas, já para representar a pessoa que seria “culpada” o mais indicado foram negros (31% morenas e 43% negras) (Máximo *et al.*, 2012). Infere-se que os padrões de beleza e inteligência são comumente associados a pessoas brancas.

O medo de que situações como o preconceito racial sejam generalizadas aos filhos também é evidenciado na fala de uma participante, por isso, evita-se o envolvimento com pessoas negras para que o filho não nasça “tão negro” e não sofra situações semelhantes. Em contrapartida, filhos mestiços tendem a ser identificados mais como brancos do que como negros, o que promove maior aceitação social e menor discriminação racial. De acordo com Schucman & Fachim (2016, p. 200): “[...] para a realidade social brasileira, ‘ser negro’ parece ter uma associação direta com o sofrimento advindo do racismo. ‘Ser branco’, por sua vez, está diretamente ligado a uma vida de privilégios, suave e não marcada”, como demonstra o relato a seguir:

Mas eu nunca pensei, assim... de me envolver com uma pessoa e ter os filhos negros, porque eu sabia que meus filhos iam passar pelo mesmo preconceito que eu, que nem o M.[filho], O M. não é tão ‘pretinho’, os ‘outro fala’: ‘ai que neguinho, esse ai é neguinho, esse aí puxou pro seu lado, olha o cabelo dele’. Agora a A.J.[filha] já é diferente, ‘aí a A.J. já é mais clara’[...] Ele perguntou pra mim se eu era mãe dela, aí eu falei que sou, aí ele falou assim: ‘Mas como vou comprovar que você é mãe dela, se você não tem nenhum documento?’ Nossa, eu xinguei, falei ‘pra’ ele assim: ‘Você tá achando que eu ‘tô’ trazendo filho dos outros? É minha filha! (Participante Glória).

As características biológicas dos sujeitos, como a cor da pele, justificam comportamentos de violência vindas do “grupo dominante”, expressos em situações diversas que causam sofrimento psíquico e impedem a ascensão do negro (Conselho Regional de Psicologia, 2017). A articulação de gênero e raça faz com que representações



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

como “não ser a mãe da criança” ou “ser a babá” coloque a mulher negra em posição vulnerável.

A maternidade para mulher negra nem sempre foi um “espaço possível”, a marca deixada pela colonização elucida um cenário de violências e da gestação enquanto sinônimo de reprodução. Mesmo a maternidade sendo colocada como fenômeno “inato” ou “instintivo” à mulher, mulheres negras vivenciam a “negação”, e são questionadas sobre ser ou não ser a mãe de seus filhos.

Eu me sinto todo dia com medo, eu não chamo a atenção do meu filho na frente das pessoas, quando saio com meu filho e ele faz um drama eu não bato nele, eu não encosto a mão nele [...]. Simplesmente, pela minha cor, entendeu? [...] Quantas e quantas vezes: ‘É sua essa criança?’ Às vezes, a pessoa nem fala de propósito, mas ela tem uma posição racista, né? Na questão, por conta do meu filho ser branco (Participante Joana).

E, às vezes, confunde até com babá, né? Eu tenho uma colega e ela é da pele parda, mas ela é negra, nós somos negras, né? O filho dela é loiro de olho azul, puxou o pai e tudo e ela anda com o bebê na rua e falam que ela é babá (Participante Sara).

Uma das participantes questiona a preferência afetiva e sexual por homens brancos, ressaltando o processo de aprendizagem e construção social do belo:

[...] Eu fiquei pensando: ‘Não sei porque a gente gosta e se sente atraído por branco’, mas isso é uma coisa muito antiga, né? Desde a época dos escravos que ‘a gente’ aprende a não gostar de nós mesmos, ‘a gente’ aprende que negro é uma coisa ruim e isso de certa forma, por mais que hoje ‘a gente’ se autoafirme uma mulher negra, a gente ainda carrega isso com a gente, sabe? (Participante Joana).

Existe uma noção comumente apresentada nos relatos: o ideal branco de normatividade. Schucman (2014) reflete sobre a “hierarquia estética” que privilegia os brancos no estabelecimento de relacionamentos afetivos ou sexuais e validam padrões corporais, como ter cabelos lisos, ser magro, olhos claros e branco. Esse ideal de beleza disseminado na atualidade foi pensado de acordo com o “branco europeu” que representa superioridade, mas contrária a diversidade corpórea, econômica, estética e racial presente no Brasil.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

As participantes apontaram em suas falas a dificuldade em “serem aceitas” pela família do parceiro branco, o que também sinaliza questões de preconceito racial.

Ah, não sei qual que é o pensamento deles, né? Mas, eu sinto que é, pelo jeito de olhar, ‘até entanto’ que a gente não frequenta assim os mesmos lugares. Quando eles ‘faz’ festa ‘a gente’ não vai, pra evitar. Eu prefiro evitar do que chegar e todo mundo ficar me olhando de cima embaixo, além de eu ser negra eu tenho dois filhos, aí tem um preconceito também, não só de eu ser negra, mas também porque você tem dois filhos e você é mãe solteira, seus filhos não tem pai e aí tem tudo isso. Nossa tem preconceito pra tudo, mas principalmente por ser negra! [...] A família do meu marido não conversa comigo! Ninguém! E quando conversa é daquele jeito, do jeito que você tá falando, olha de cima em baixo, fica olhando... você tá vendo que a pessoa não gosta de você, que a pessoa tá com preconceito, a pessoa te olha! Você chega em um lugar... bom, eu nem vou, eu já nem vou. Vou fazer meu chá de bebê, eu falei ‘pra’ ele: ‘Oh, se você quiser chamar, pode chamar, mas pra mim não faz diferença nenhuma’. Você acha que vai? Não vai! (Participante Glória).

Alguns relatos demonstram que mesmo que o parceiro “assuma o relacionamento” junto à família, situações desconfortáveis vão acontecer, pois não é considerado natural que uma mulher negra faça parte de uma família majoritariamente branca. Em contraponto, quando a miscigenação aconteceu em algum momento entre outros membros da família, a recepção torna-se diferente, como mostrado no relato de Sara.

E hoje, com o meu marido branco, ele me assumir, me afirmar... mas, a família dele é extremamente racista... Olha pra mim de cima a baixo e faz fala racista sobre o meu cabelo: ‘Nossa, mas o seu cabelo tá um pouquinho duro hoje, né?’. De um jeito, desse tipo mesmo e eu já sei lidar com isso hoje, mas já foi um problema muito grande na minha vida: já chorei, já perdi o sono [...] (Participante Joana).

No entanto, a minha sogra ela é loira do olho verde e ela tem dois filhos negros... o resto é branco porque ela teve também relacionamento com negro... ‘pra’ você ver. São de boa assim, mas eu acho que se não tivesse negro na família também não seria, né? (Participante Sara).

Ser negra e relacionar-se com um parceiro branco é uma configuração que desestabiliza a estrutura brancocêntrica da instituição familiar. A reprovação da relação é evidenciada por comportamentos não verbais e exclusão. A associação ao marido branco poderia ser entendida como forma de ascensão social, mas que, por outro lado, a tentativa de inserção na comunidade branca pode não ser correspondida pelos familiares que esperam o “padrão” de mulher branca.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

A mulher negra no Brasil ocupa uma posição de “desprivilegio” mais exacerbada devido à sua cor, triplicando o “grau” de preconceito e discriminação racial: por ser mulher, negra e subalterna (Riscado, Oliveira & Brito, 2010). Ao serem colocadas como “seres não afetivos”, as mulheres negras quando assumem um relacionamento, além da aceitação do parceiro, também enfrentam o crivo da aceitação familiar e social. Barros (2003) reflete sobre como os “sinais” de reprovação são expressos pela família do cônjuge de forma sutil que são percebidos pelas formas de olhar, raramente por meio de atos verbalizados; a autora também coloca que nos relacionamentos inter-raciais existe um esforço maior da mulher negra em ser aceita e que mesmo com o casamento dificilmente o preconceito da família seria alterado.

bell hooks (2010) em *Vivendo de amor* discorre sobre como os negros foram “tolhidos amorosamente” durante a escravidão e como essa “repressão afetiva” foi repassada ao longo das gerações. As inúmeras violências sofridas, como assistir a morte e a tortura de seus familiares, filhos (as) ou companheiros (as) afetivos tornaram o (a) negro (a) capaz de reprimir e conter suas emoções, o que fora associado noções de “força” e “resistência”. Ter uma “personalidade forte” e precisar sobreviver ocorre ainda hoje na formação de crianças negras, em que suas mães reproduzem, muitas vezes, a dureza vivenciada na escravidão em um modelo de hierarquia e dominação: homens que comandam mulheres e mulheres que comandam crianças.

Além disso, quando pensamos em uma estrutura familiar “tradicional”, nem sempre associamos a formação “pai, mãe e filhos” aos negros, que sofrem maior preterimento afetivo como demonstrado na pesquisa de Carrera & Carvalho (2020), em que imagens buscadas em um banco de dados digital com o termo *Black Family*⁷ foram vinculadas aos homens e mulheres sozinhos (as), com maior frequência no aparecimento de mulheres negras sozinhas, indicativos da “hiper-ritualização” de solidão da mulher negra e que pode ser associada ao exercício solo da maternidade.

⁷ Tradução: Família Negra.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Carneiro (1995) utiliza o termo *antimusa* em referência à forma como a mulher negra é lida socialmente devido à produção do racismo, que a coloca como aquela cujas características estão fora do “mercado afetivo-amoroso” e a exclui enquanto parceira e enquanto mulher. Nesse sentido, devido a suas características físicas, como a cor da pele, cabelo crespo e suas curvas, a mulher negra deixa de se enquadrar no “padrão de beleza e feminilidade” colocado como “adequado” pela família branca e burguesa e reforçado pela sociedade, que espera que seu filho branco também se case com uma mulher branca. Conclui-se que o enraizamento social e o contexto histórico da mulher negra no Brasil colaboraram para a crença de que mulheres brancas foram feitas para casar e as negras representadas como sedutoras e vulgares, servindo apenas para o divertimento masculino, de maneira a não ser representada como potencial parceira afetiva (Pacheco, 2008).

Considerações Finais

Neste trabalho, identificamos representações sociais que situam a maternidade, por um lado, como um fenômeno inato à mulher e, por outro, como algo construído e estigmatizado pela cultura. Representa-se a maternidade solo como um exercício necessário diante do afastamento do homem de suas responsabilidades paternas. Todavia, entende-se que estas responsabilidades masculinas no cuidado com os (as) filhos (as) são de caráter financeiro, desprendidas da paternidade afetiva e de todas as responsabilidades com as demais formas de cuidados e acompanhamentos cotidianos. Representa-se a paternidade, portanto, como a parcela de responsabilidades financeiras, que nem sempre está atrelada ao cuidado das crianças e interações afetivas.

Nota-se nas falas das mães expressões que colocam o parceiro como participante dos cuidados dos filhos; no entanto, percebe-se também a construção social por trás da paternidade aponta para “pequenas ações” como suficientes para exercer esse “papel”, já que a responsabilidade seria prescritivamente da mulher, devido à associação histórica da sua habilidade de gerar/parir com um lugar de legitimidade e obrigação nos cuidados cotidianos dos (as) filhos (as). Assim, constatamos que o exercício da maternidade solo



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

não é mitigado ao se ter um parceiro afetivo, justamente pela crença social arraigada de que o cuidado é dever exclusivo da mulher. Quebrar com essa lógica, que estigmatiza e sobrecarrega mulheres, demandaria que essas responsabilidades sejam reorganizadas quando o “modelo tradicional” de distribuição das responsabilidades for dispensado para que o trabalho de cuidar das questões dos (as) filhos (as) sejam comumente dividido entre os gêneros.

Ao atrelar gênero e raça percebe-se que representações como a reprovação social e a mulher negra como subjugada são expressas pelas participantes. Evidencia-se o preconceito racial e a reprovação da família do cônjuge. Ao mesmo tempo em que a miscigenação e o relacionamento afetivo com o homem branco são representados como elevação no *status* social e na organização numa estrutura financeira e familiar privilegiada, atrela-se ambos a uma série de estigmas como “não pertencer ao padrão branco” e “não ser mãe da criança branca”. Tanto o preterimento como parceiras afetivas quanto as dinâmicas de discriminação no bojo de famílias brancas contribuem para a instalação do quadro de solidão materna de adolescentes negras.

Cabe, por fim, ressaltar que poucos trabalhos abordam a participação das mulheres negras como protagonistas de sua história. Discute-se pouco sobre as questões raciais e suas influências nas dinâmicas de adolescências e maternidades. Indica-se que este recorte deva ser uma possível fonte de trabalho para pesquisas futuras, atrelando-se a novas perspectivas como a representação do homem negro e o (não) exercício de sua paternidade, bem como discutir os impactos da maternidade solo nas vidas afetivas e amorosas de adolescentes e mulheres negras.

Referências

Amorim, Isabela Tavares. **Representações sociais da gravidez na adolescência para mães adolescentes**. Dissertação (Mestrado), Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2013.

Andrade, Paula Rosenberg de; Ribeiro, Circéa Amália & Ohara, Conceição Vieira da Silva. Maternidade na adolescência: sonho realizado e expectativas quanto ao futuro. **Rev. Gaúcha Enferm**, p. 662-668, 2009.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

- Arruda, Ângela. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- Badinter, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- Barbosa, Claudia de Faria; Pires, Edmeire Oliveira & Gregório, Maria de Fátima Araújo Di. Mães Solo: Disputas e Embates da Monoparentalidade Feminina na Contemporaneidade. **ODEERE**, v. 8, n. 2, p. 19-40, 2023.
- Barros, Zelinda dos Santos. **Casais inter-raciais e suas representações acerca de raça**. Dissertação (Mestrado), Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, Salvador, 2003.
- Biernacki, Patrick & Waldorf, Donald. Snowball Sampling: problems and techniques of chain referral sampling. **Pacific institute for research and evaluation**, p. 141-163, 1981.
- Brasil. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Marco legal: saúde, um direito dos adolescentes**. Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2007.
- Carneiro, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Revista de Estudos Feministas**, p. 544-522, 1995.
- Carrera, Fernanda & Carvalho, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. **Galáxia**, p. 99-114, 2020.
- Collins, Patrícia Hill. **Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. Nova York: Routledge, 2000.
- Conselho Federal de Psicologia. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília, CFP, 2017.
- Crusoé, Nilma Margarida de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, p. 105-114, 2004.
- Costa, Marli Marlene Moraes da & Freitas, Maria Victória Pasquoto de. A gravidez na adolescência e a feminização da pobreza a partir de recortes de classe, gênero e raça. **Revista Direitos Culturais**, v. 16, n. 40, p. 5-23, 2021. D



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Davis, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

Domingues, Carla Magda Allan Santos Domingues & Alvarenga, Augusta Tereza de. Identidade e Sexualidade no discurso adolescente. **Rev. Bras. Cresc. Desenv. Humano**, p. 32-68, 1997.

Federici, S. **Calibã e a bruxa, mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

Feijó, J. Mães solo no mercado de trabalho. Maio. 2023. In: Mães solo no mercado de trabalho | Blog do IBRE (fgv.br)

Figueiredo, Bárbara. Maternidade na adolescência: consequências e trajetórias desenvolvimentais. **Análise Psicológica**, p. 485-498, 2000.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. Trad. Maísa Mendonça. Geledes, 2010.

Jodelet, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed.Uerj, 1989.

Maia, Ana Cláudia. Bortolozzi & Maia, Ari Fernando. Processo de educação e repressão sexual. In: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi & Maia, Ari Fernando (Orgs.) **Sexualidade e Infância**. Bauru: Cecomca, 2005. p. 47-66.

Martins, Priscila de Oliveira; Trindade, Zeidi Araújo & Almeida, Ângela Maria de Oliveira. O ter e o ser: Representações sociais da adolescência em adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e crítica**, p. 555-568, 2003.

Matos, Mariana; Féres-Carneiro, Terezinha & Jablonski, Bernardo. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, p. 21-33, 2005.

Maxímo, Thaís Augusta Cunha de Oliveira; Larrain, Leoncio Francisco Caminho Rodriguez; Nunes, Aline Vieira de Lima & Lins, Samuel Lincoln Bezerra. Processos de identidade social e exclusão racial na infância. **Psicologia em revista**, p. 507-526, 2012.

Mesquita, Ana Letícia Pires; Fontes, Bernardo Fernandes de Souza; Oliveira Filho, Hêlvio Borba de; Lopes, Letícia Guedes Ferreira; Gonçalves, Mariana Tenório; Moreira, Sebastião Rogério Góis & Rio, Suzana Maria Pires do. Trajetórias de mulheres que vivenciaram a gravidez/maternidade na adolescência. **Mental**, p. 443-490, 2011.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Moscovici, Serge. **A psicanálise sua imagem e seu público**. Trad. Sônia Furhmann. Petrópolis: Vozes, 2012.

Moscovici, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Moura, Solange Maria Sabottka Rolim de & Araújo, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia: ciência e profissão**, p. 44-55, 2004.

Nascimento, Alice Maria Ventura da Silva; Martins, Daniela Maria Barreto & Bonfim, Camila Barreto. Maternidade solo e interseccionalidades: práticas de cuidado no contexto da atenção básica. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 11, p. 4393-4393, 2022.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

Pacheco, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e relações sexual-afetivas na produção bibliográfica das ciências sociais brasileiras: um diálogo com o tema. **Afro-Ásia**, p. 153-188, 2006.

Papalia, Diane E; Olds, Sally Wendkos & Feldman, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 10ª Ed. - Porto Alegre: AMGH, 2010.

Paula, Alexandre da Silva & Kodato, Sérgio. Psicologia social e representações: uma aproximação histórica. **Revista de Psicologia da IMED**, p. 200-207, 2016.

Riscado, Jorge Luís de Souza; Oliveira, Maria Aparecida Batista de & Brito, Ângela Maria Benedita Bahia de. Vivenciando o racismo e a violência: um estudo sobre as vulnerabilidades da mulher negra e a busca de prevenção do HIV/aids em comunidades remanescentes de Quilombos, em Alagoas. **Saúde Sociedade**, p. 96-108, 2010.

Saito, Maria Ignez; Silva, Luiz Eduardo Vargas da & Leal, Marta Miranda. **Adolescência, prevenção e risco**. São Paulo: Editora Atheneu, 2014.

Santos, Elisabete Figueroa dos & Scopinho, Rosemeire Aparecida. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre a contribuição da teoria das representações sociais. **Psicol. saber soc**, p. 168-182, 2015.

Santos, Alessandro de Oliveira & Paiva, Vera. Vulnerabilidade ao HIV: turismo e uso de álcool e outras drogas. **Rev. Saúde Pública**, p. 80-86, 2007.



Representações sociais da maternidade solo em adolescentes negras

Tamires Giorgetti Costa & Elisabete Figueroa dos Santos

Silva, Danielle de Luna. Diáspora, escravidão e maternidade em amada e compaixão de Toni Morrison. Paraíba: **Anais do fazendo gênero, diásporas, diversidades e deslocamentos**, Paraíba, p. 1-8, 2010.

Silva, Caroline Guimarães; Cassiano, Kátia Kelvis & Cordeiro, Douglas Farias. Mãe solo, feminismo e instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados. Goiânia: **Anais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 2019.

Schucman, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, p. 83-95, 2014.

Schucman, Lia Vainer & Fachim, Felipe Luis. A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem, e classificações raciais no Brasil. **Interfaces Brasil/Canada**, p. 182-205, 2016.

Souza, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra** - sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, 2008.

Taborda, Joseane Adriana; Silva, Francisca Cardoso da; Ulbricht, Leandra & Neves, Eduardo Borda. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. **Cad. Saúde Coletiva**, p. 16-24, 2014.

Whitaker, Dulce Consuelo Andreatta. Menino – Menina: sexo ou gênero? Alguns aspectos cruciais. In: Serbino, Raquel Volpato. (Org.) **A escola e seus alunos estudos sobre a diversidade cultural**. São Paulo: Unesp, 1995, pp. 31-52.